



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO

**AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ESCOLA PARA PAULO FREIRE
E IVAN ILLICH**

Aluna: Bárbara Lorena de Andrade Santos Freitas
Orientadora: Dra. Caroline Bahniuk

Brasília
2022

BÁRBARA LORENA DE ANDRADE SANTOS FREITAS

**AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ESCOLA PARA PAULO FREIRE E IVAN
ILLICH**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Professora Orientadora: Doutora Caroline Bahniuk.

BRASÍLIA – DF

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

BÁRBARA LORENA DE ANDRADE SANTOS FREITAS

**AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ESCOLA PARA PAULO FREIRE E IVAN
ILLICH**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília pela seguinte banca:

Prof. Dra. Caroline Bahniuk (TEF) – Orientadora

Faculdade de Educação – UnB

Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses (TEF) – Titular

Faculdade de Educação – UnB

Prof. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (TEF) – Titular

Faculdade de Educação – UnB

Prof. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva (TEF) – Suplente

Faculdade de Educação – UnB

Brasília, 30 de setembro de 2022.

“A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.”

Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Prof^a Carol, pela parceria e paciência na orientação, pela escuta humanizada e pela grande ajuda com os materiais para a realização deste trabalho. À minha mãe e minha irmã, Claudia e Bianca, que não me deixaram desistir e que acreditam em mim, independente de qualquer coisa. Obrigada ao Antônio e Renato, parceiros de vida, que me estimularam e me deram apoio durante os momentos de dificuldade. Sou grata também as minhas amigas e amigos, do Curso de Pedagogia e equipe da Escola da Árvore, que me ajudaram a espairer à mente e foram essenciais para minha formação.

RESUMO

Uma análise das concepções de educação e escola para dois autores, Paulo Freire e Ivan Illich. Tem como objetivo apresentar os autores, o contexto em que produziram suas concepções, como também, sintetizar suas ideias, a fim de encontrar semelhanças e diferenças. Paulo Freire com o conceito de educação e Illich com a desescolarização e libertadora, enquanto críticos da escola tradicional e capitalista, como também das transformações nas formas de se pensar a educação e a sociedade. Para isso usou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e chegou-se a conclusão que Freire e Illich personificam um pensamento crítico latino-americano de combate a sociedade capitalista ambos apresentam práticas educativas e reflexões sobre uma educação e um novo sistema de ensino de propósito inovador e revolucionário.

Palavras-chave: escola; educação; Paulo Freire; Ivan Illich; sociedade.

RESUMEN

Un análisis de las concepciones de educación y escuela de dos autores, Paulo Freire y Ivan Illich. Tiene como objetivo presentar a los autores, el contexto en que produjeron sus concepciones, así como sintetizar sus ideas, con el fin de encontrar similitudes y diferencias. Paulo Freire con el concepto de educación liberadora y Illich con la desescolarización como críticos de la escuela tradicional y capitalista, así como de las transformaciones en las formas de pensar la educación y la sociedad. Para ello se utilizó como metodología la investigación bibliográfica y se concluyó que Freire e Illich personifican un pensamiento crítico latinoamericano de combate a la sociedad capitalista, ambos presentan prácticas educativas y reflexiones sobre una educación y un nuevo sistema de enseñanza con propósito innovador y revolucionario.

Palabras clave: escuela; educación; Paulo Freire; Ivan Illich; sociedade.

SUMÁRIO

Memorial	8
1. Introdução.....	11
2. Contextualização histórica: a América Latina como palco para a produção de Freire e Illich.....	13
2.1 Paulo Freire: Vida e Obra	18
2.2 Ivan Illich: Vida e Obra	22
3. As concepções de educação e escola de Paulo Freire e Ivan Illich: aproximações e distanciamentos	25
3.1. Pedagogia do Oprimido	26
3.2. Sociedade sem escolas	33
3.3. Educação e Escola: encontro entre Paulo Freire e Ivan Illich	37
4. Conclusão.....	42
Referências Bibliográficas.....	44

MEMORIAL

Mulher, negra, feminista, educadora, periférica e museóloga, dentre tantas outras coisas no universo. Lélia Gonzalez dizia que “o negro tem que ter nome e sobrenome, se não o racismo coloca o apelido que quer”, ainda que carinhosamente alguns me chamem de Babi, tenho nome e sobrenome, sou Bárbara Lorena de Andrade Santos Freitas.

Filha de mãe e pai brasilienses, neta de piauienses e uma paraibana. Nasci no dia 24 de fevereiro de 1993 em Brasília, uma quarta-feira de cinzas. Cresci e fui criada no Riacho Fundo, periferia do Distrito Federal.

Iniciarei essa história dizendo que sempre me enquadrei no sistema escolar e dentro das possibilidades obtive êxito ao que minha mãe e minha vó sonhavam para mim. Não pretendo focar na minha trajetória escolar, mas é importante dizer que sempre estudei em escolas particulares e isso diz muito sobre quem sou e minha formação. Ainda que não venha de uma família rica, ser filha de funcionários públicos me deu oportunidades únicas. Tive acesso a conteúdos, professores, viagens, passeios, peças de teatro, filmes, museus, bibliotecas, monitorias, livros e vivências que a maior parte da população, infelizmente ainda não tem acesso.

Salto temporal.

Entre para o curso de Museologia em 2011 e finalmente conheci os encantos e desencantos da renomada Universidade de Brasília. A UnB me proporcionou algumas das melhores experiências da minha vida, não que ela fosse ruim até então, mas foi nesse lugar que pela primeira vez senti que podia ser eu mesma. Talvez seja contraditório esse pensamento e não fique tão claro nesse pequeno texto.

Não sei ao certo quando decidi que queria ser professora. Formei museóloga, mas fui vendedora em uma loja colaborativa por alguns meses. Era um trabalho cansativo e muito informativo também. Aprendi informações sobre vários e vários objetos, tamanho, cor, peso, combinações, materiais. De repente, pedi demissão e resolvi cursar Pedagogia e cá estou eu. Nada epifânico, exceto o fato de acreditar que a mudança do mundo se dá pela educação e pelo diálogo, é por meio deles que demonstramos nossas necessidades de expressão da relação entre os seres humanos e o mundo. Durante o curso, trabalhei como estagiária em

duas escolas em que pude observar vários processos e a tentativa de fazer uma educação diferente.

Conhecer a Pedagogia e o cenário escolar por meio dos estágios e trabalhos de campo me fez refletir sobre um dos principais desafios da atualidade: *o papel da escola e da educação na modernidade*. Em uma época repleta de tecnologias, realidades digitais/virtuais, guerras, genocídios, disputas políticas, ascensão do conservadorismo e do neoliberalismo e etc.: como pensar uma vida fora do sistema capitalista? Não só isso, como pensar seres humanos aptos para viverem em comunidade, desenvolverem autonomia, questionamentos e finalmente um pensamento emancipatório. Partir de um resgate da relação com a natureza, da sustentabilidade e da preservação do meio ambiente, como dizem por aí, “já é meio caminho andado”. Mas como fazer isso na prática?

Pausa

Acredito que as crianças conhecem o mundo por meio das experiências, portanto, elas não chegam ao mundo com ideias pré-concebidas, elas vão sendo formuladas com o passar do tempo. Creio também que a educação seja o mais importante modificador e provocador do comportamento humano, por isso ganha diferentes formas com o passar dos anos. Além disso, trata-se de uma prática de complexas relações e disputas de discursos.

Com adultos não é diferente. Falo sobre minha própria experiência. Entrar em um novo curso foi desafiador, ainda mais depois de já ter uma graduação. Mudar a rotina, pegar outro caminho, outra condução. Pensar em como se vestir, como falar, o que fazer, como agir... Se encaixar (ou ser encaixada), participar de processos seletivos e mostrar que está apta para a função que concorre. Ler textos e mais textos, fazer trabalhos... Respirar fundo.

Para, além disso, me aproximar e me reconhecer em bell hooks, Makota Valdina, Aílton Krenak, Milton Santos, Pierre Bourdieu, Nilma Lino Gomes, Bruno Latour, Vygotsky, Paulo Freire e Ivan Illich e tantos outros autores e autoras que tive contato durante o curso (sim, só citarei pessoas que me encantei.)

Volta da pausa.

O que ficou mais forte na minha percepção do exercício de afetividade e de preservação de uma memória sobre a Pedagogia, foi às pessoas que querem e acreditam em um mundo diferente do que temos. Afetivo nesse caso, não somente relacionado ao “gostar”,

mas também de se ser “afetado”, do verbo afetar, o sentimento de inquietação direcionado aos temas apresentados e de cada atividade desenvolvida durante essa graduação. Além de conteúdo programático, os ganhos afetivos são uma das características mais enriquecedoras que a educação pode proporcionar.

Por fim, concluo que ainda que encontremos vez ou outra, experiências importantes que visam uma educação crítica e mais humanizada, ao longo dos anos não houve grandes mudanças estruturais ao que diz respeito aos processos educacionais e escolares, ainda há muito a ser percorrido. Parece utópico, mas sou mais uma que acredita no potencial transformador da educação e que abranja todos os públicos, independente de cor, raça, credo e classe social.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca sintetizar e analisar as concepções de educação e escola para dois autores, o austríaco Ivan Illich e o brasileiro Paulo Freire, autores que foram contemporâneos, escreveram as obras que serão aqui analisadas no período de 1960-1970. Ambos refletiram e dialogaram sobre a escola na sociedade, tendo como terreno central a América Latina, realizando uma crítica à escola tradicional e capitalista.

O interesse por essa pesquisa, especialmente esse recorte, surgiu devido a um incômodo gerado durante a disciplina de Projeto 3.1, ministrada pela professora Fátima Vidal, na qual houve a apresentação dos autores Ivan Illich e Paulo Freire, como referências presentes na bibliografia durante o curso. A aproximação e identificação com o tema se dá devido a um interesse pessoal e reflexivo da autora em relação ao papel da escola e o processo pedagógico em uma sociedade capitalista, gerando assim pensamentos repletos de dúvidas, se a escola é uma instituição para a transformação social ou perpetuação das diferenças sociais vigentes na sociedade. Também existe uma inquietação em relação à forma como o autor Paulo Freire tem sido perseguido nos últimos anos tanto pelo governo conservador quanto por seus seguidores. Ao mesmo tempo, Ivan Illich tem sido usado como referência por parte do movimento 'homeschooling', inclusive há uma proposta em tramitação na Câmara dos Deputados e também no Executivo que descriminaliza o ensino domiciliar e outro projeto de lei que propõe a regulamentação para essa modalidade de ensino, os quais buscam aproximar a desescolarização pelo viés neoliberal da sociedade, retirando a potência crítica desse conceito.

O presente trabalho deve ser conduzido através da análise das ideias dos autores Ivan Illich e Paulo Freire, sobre qual a concepção de educação e escola em suas produções. Tendo como tema principal a concepção de educação e da instituição escola, se faz necessário à interpretação do diálogo entre as produções dos autores, assim, os textos nesse caso são entendidos como produtores de subjetividades e reflexos de suas vivências e visões de mundo. Sendo Paulo Freire um autor mais traduzido e muito utilizado na educação, pois segundo Arelaro (2019) ele teve uma grande importância no campo da educação crítica e um amplo acervo teórico em defesa da educação que valorizasse o conhecimento e necessidades populares, porém pouco lido em sua integralidade e profundidade. Já Ivan Illich crítico social e estudioso de diversas disciplinas, mas pouco conhecido no campo educacional. Ambos produziram suas obras

em um mesmo período histórico, para Canário (2005) após o Maio de 1968, Illich fez parte da grande onda de contestação crítica à escola juntamente com outros intelectuais com pensamentos de raízes marxista, como Paulo Freire (1970), Bourdieu e Passeron (1970), Baudelot e Establet (1971) e Althusser (1970).

Nessa direção, o objetivo geral deste trabalho compreende em analisar as concepções de educação e escola para os autores Ivan Illich e Paulo Freire. E os objetivos específicos elencados foram: contextualizar e apresentar os autores e a sociedade em que produziram suas concepções e conceitos, como também, fazer uma síntese entre as concepções dos autores, a fim de encontrar semelhanças e diferenças. Assim como também, refletir a atualidade das formulações dos autores para pensar a escola na contemporaneidade.

Assim, pretendo colocar em discussão como as ideias de Illich e Freire, não só se aproximam pelas críticas a sociedade e ao sistema capitalista, mas ora convergem ou divergem sobre as críticas a instituição escola e suas propostas em resposta as disputas de interesses de preservação de uma lógica neoliberal. Por isso, a pesquisa é direcionada para o público interessado nas discussões sobre educação e escola, e suas funcionalidades na sociedade contemporânea.

Para obter os resultados e conclusões acerca da problematização apresentada, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, inicialmente levantaram-se as principais obras e a vida dos autores, a partir dos próprios autores e outros interlocutores destacados, Arelaro (2005) e Gajardo (2010), bem como foi feito um levantamento de artigos e outras produções - em número restrito por sinal em que tratam de ambos os autores e suas aproximações, como por exemplo: MESQUIDA (2007) e COSTA E SILVA (2015). A partir disso, elegemos uma obra principal de cada autor *Pedagogia do Oprimido* (1968), de Freire e *Sociedade sem escolas* (1971) de Illich, as quais lemos e analisamos em sua integralidade, buscando extrair delas a concepção de educação e escola dos autores, possíveis aproximações e afastamentos da produção de ambos, bem como questões pertinentes para pensar a escola atual.

Este trabalho será fundamentado em ideias e pressupostos de autores que são de extrema importância na definição, construção e conceituação do tema escolhido nessa análise. Para isso, tais objetos serão estudados em fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e etc.

O método de pesquisa favoreceu a autonomia e liberdade na análise, permitindo assim várias posições no decorrer da escrita, não obrigando atribuir uma resposta única e universal e nem juízo de valor a respeito do tema pesquisado.

Assim, coloca-se em discussão como as ideias de Illich e Freire, não só se aproximam pelas críticas a sociedade e ao sistema capitalista, mas ora convergem ou divergem sobre as críticas a instituição escola e suas propostas em resposta as disputas de interesses de preservação de uma lógica neoliberal. Por isso, a pesquisa é direcionada para o público interessado nas discussões sobre educação e escola, e suas funcionalidades na sociedade contemporânea.

2. Contextualização histórica: a América Latina como palco para a produção de Freire e Illich.

Neste capítulo iremos sintetizar os elementos centrais da vida e obra de Paulo Freire e Ivan Illich. Iniciando pela contextualização da América Latina nas décadas de 1950, 1960 e 1970, período das primeiras elaborações dos autores e contatos entre os mesmos. Em seguida, destacamos aspectos importantes desses dois autores que pensaram a educação numa perspectiva crítica.

Desde o início do século XX, a América Latina viveu momentos marcados pelas mudanças culturais, principalmente no que diz respeito ao trabalho e às formas de viver da população, devido aos processos de industrialização presentes na maioria dos países, com intensos fluxos migratórios do campo para a cidade. Já no período entre as duas guerras mundiais (1914 a 1945), o continente viveu um momento de recessão, repleto de instabilidade econômica, como as quedas nas exportações e estagnação da industrialização, o que foi muito expressivo para o cenário político e social nas próximas décadas (ROMO, 2020).

Com uma grande desigualdade social, as lutas sociais sempre estiveram muito presente nesse território, no período estudado de 1950 à 1970 foi um período que misturou grande efervescência cultural e política e repressão delas com a instauração de ditaduras militares. A década de 60 mundialmente foi marcada pela Guerra Fria, disputa ideológica entre as duas grandes potências União Soviética e Estados Unidos da América, esse embate influenciou em diversos acontecimentos e processos nos demais países do mundo. Os EUA tentavam manter sua hegemonia política na Ásia e América Latina principalmente, porém eventos como a

Revolução Cubana em 1959, foi um marco para as mudanças políticas e sociais dos movimentos de esquerda e socialista. (MENDES, 2013)

Entre as referidas décadas, os países da América Latina viram-se vivendo um momento de introdução de novas tecnologias nos processos produtivos, ao mesmo tempo marcado pela queda do preço do petróleo, como também o aumento dos problemas sociais, como o desemprego, má distribuição de renda, crise na educação e etc. Fernandes (1975) considera as nações latino-americanas como produtos da civilização ocidental, para ele a relação colonizador e colonizados continua no século XX, mas por meio do neocolonialismo, ou também chamado, novo imperialismo capitaneado pelos Estados Unidos da América, porém com participação ativa das burguesias locais. E com uma intensa entrada de capital estrangeiro e da participação das multinacionais nos países sulamericanos.

Nesse momento, o continente latino-americano vivenciou diversos golpes de estado: na Guatemala e Paraguai, em 1954; na Argentina, em 1962; no Brasil, em 1964, no Chile, em 1973, considerado como uma nova fase das revoluções burguesas, a qual realizou “a exclusão de uma ampla parcela da população nacional da ordem econômica, social e política existente (...)” (FERNANDES, 1975 p.20). Os golpes militares consistiram em uma das estratégias para manter o poder dominante e teve como consequências a intensificação do desenvolvimento de um capitalismo dependente por parte dos países latinoamericanos, ou seja, o imperialismo norte americano dominava em todas as esferas. Segundo Fernandes (1975, p.21) o que torna os EUA “uma força incontrolável e perigosa” principalmente no referido território devido a sua forte ideologia de segurança nacional, protecionismo econômico e contra as mudanças sociais radicais e revolucionárias e com participação popular.

Em meio a grande desigualdade social no continente e a efervescência de diversas lutas, partidos políticos e movimentos sociais contestadores da ordem colocada e com a presença do socialismo real, a partir da União Soviética, As ditaduras militares, foram uma resposta da classe dominante para deter a revolução social. Havia quem defendesse o desenvolvimento por meio do crescimento econômico, ou seja, que pregava a urbanização e a industrialização como formas de modernização da sociedade, assim colocando em prática um pensamento desenvolvimentista, baseado no ‘capital humano’¹. Também tinha o grupo que trazia discussões sobre os motivos para o subdesenvolvimento dos países da América Latina,

¹ Para Frigotto (2008, p.67) o capital humano trata-se de uma noção criada pelos intelectuais da burguesia mundial para se referirem a desigualdade entre as nações, indivíduos e grupos sociais e que não consideram os reais motivos desta desigualdade, fundada na propriedade privada.

para eles a educação seria a principal maneira de se promover mudanças estruturais e subjetivas na sociedade, de forma a se pensar em revoluções a partir da ideia de libertação. (ROMO, 2020).

As guerras e guerrilhas foram difundidas na América Latina, alguns grupos de guerrilheiros que ganharam notoriedade surgiram em países como Brasil, Cuba, Colômbia, Venezuela, Argentina, Guatemala, Nicarágua dentre outros. Em vários desses países houve a existência da luta armada para combater as ditaduras instauradas, como é o caso da ANL (Aliança Nacional Libertadora), que foi fundada oficialmente em 1935, mas teve seu auge de atuações nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil. Outras insurgências, como a Revolução Cubana de 1959, que tirou do poder o ditador Batista que governou de forma autoritária a ilha por 11 anos (MENDES, 2013) ou a Revolução Sandinista que aconteceu na Nicarágua, iniciado em 1958 com ações de guerrilha e a luta armada contra a ditadura dos governos da família Somoza, que durou até o fim da década de 1970 (SILVA, 2003). Seguindo a tendência dos demais países da América do Sul (Argentina, Brasil e Uruguai), no Chile em 1973 foi instaurada a ditadura e o até então presidente socialista, Salvador Allende sentindo-se acuado pelo novo regime, recusou-se a render-se e cometeu suicídio, após o bombardeio do *Palacio La Moneda*. Com o golpe militar as organizações socialistas e outras que discordavam do governo, foram colocadas na clandestinidade, resultando assim na organização de grupos de guerrilha e luta armada, muitos deles tinham como componentes estudantes chilenos e brasileiros exilados, dentre eles um dos mais conhecidos, foi o MIR- *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (PANIACO, 2016).

As ditaduras militares no continente americano foram marcadas pelo uso da força militar, discurso de violência, censura das produções culturais e intelectuais, assim como, vários intelectuais e artistas foram obrigados ao exílio, ou até mesmo vítimas de tortura e/ou assassinatos.

Ao que diz respeito à intelectualidade, enquanto uma classe formadora de opinião e de reflexões políticas e que também atuava nas lutas sociais, viu-se o despertar de movimentos, correntes, pensamentos e práticas latino-americanas, com reflexões que buscavam discutir e achar soluções para o desenvolvimento das questões socioculturais, e o enfrentamento da desigualdade social. Acontecia uma disputa de narrativas de vários grupos e que defendiam correntes teóricas diferentes, como a Teoria da Libertação, Teoria da

Dependência² e a do Capital Humano entre outras, para formular estratégias para o desenvolvimento e autonomia da América Latina.

Para a classe dominante e seus governos a educação escolar era uma atividade importante na construção e qualificação dos trabalhadores, como também para o desenvolvimento econômico, pois precisavam formar força de trabalho qualificada e preparada para o processo de modernização que estavam vivenciando. Ao pensarem em reformas dos sistemas de ensino, assim como a expansão e abrangência do sistema escolar para os grupos populares, ela tinha por objetivo principalmente a possibilidade de uma educação que lhes preparasse para a inserção no mercado de trabalho. Enquanto isso, a educação não-formal era uma alternativa para ampliar o acesso à educação de forma crítica, mas fora da instituição escola, que era bastante excludente.

Nas décadas de 1960 e 1970 aconteceu um processo intenso de crítica à escola capitalista, como por exemplo, a realizada pela Teoria da Reprodução Social³, que consiste na ideia de que o processo da expansão educacional, reflete as relações de dominação existentes na sociedade e que não proporcionam oportunidades de mudanças consideráveis na vida dos indivíduos.

Mota e Streck (2019) consideram que assim como a Educação Popular, a Teologia da Libertação⁴, o Teatro do Oprimido⁵ e a Teoria da Dependência, foram construções conceituais críticas ao sistema vigente e que foram essenciais para a resistência e para as inovações

² Machado (1999, p.199) apresenta que o que a “Teoria da Dependência é uma obviedade histórica; uma tentativa de nova versão do modelo neocolonial, já descrito e conhecido desde o século XIX quando, então, o sistema político das nações hegemônicas impôs às ex-colônias um novo *modelo* sócio-econômico e político de exploração em nome do liberalismo triunfante.”

³ Hey e Catani (2010) em seu verbete Teoria da Reprodução Social no “Dicionário: trabalho e condição docente” defendem que “quanto mais a sociedade se organiza em bases mais sofisticadas, típico das sociedades avançadas, mais a reprodução das relações de dominação, se complexifica”, ou seja, a perpetuação das relações de dominação também se perpetua na escola, de maneira que aqueles que detém capital econômico e cultural, assegura o melhor estabelecimento escolar para suas crianças, reforçando assim a diferença de classe social .

⁴ A Teologia da Libertação tem sua origem na América do Sul e têm como seus idealizadores os brasileiros Leonardo Boff e Frei Betto, o peruano Gustavo Gutiérrez e o uruguaio Juan Luís e consiste em uma ruptura radical com o sistema baseado na acumulação e da ideia de dominação, para o desenvolvimento de uma sociedade em que os pobres deixam de ser vistos como “objetos de ajuda, compaixão ou caridade, mas como protagonistas de sua própria história, artífices de sua própria libertação” (LÖWY, 2008 p.1)

⁵ Método de teatro desenvolvido pelo teatrólogo brasileiro, Augusto Boal. O Teatro do Oprimido, de acordo com o próprio Boal, pretende transformar o espectador, com o recurso da quarta parede, em sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que ele mesmo, espectador, passe a protagonista e transformador da ação dramática. Retirado do site: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=208>. (Acessado em 18 de junho de 2022).

pedagógicas na América Latina na segunda metade do século XX. Puiggrós (2005) se define da seguinte forma:

“educação popular é sempre uma posição política e político-pedagógica, um compromisso com o povo face ao conjunto de sua educação e não se reduz a uma ação centrada em uma modalidade educativa, tal como a educação não formal; ou a um corte dos setores populares, como os marginalizados; ou a um grupo de certa geração, como os adultos; ou a uma estratégia determinada, como a alfabetização rural.” (PUIGGRÓS, 2005 p.19).

Para a autora isso nos permite interpretar, a educação popular como uma tradição pedagógica típica da América Latina e que não se trata apenas de uma prática educacional, mas de uma concepção formulada por educadores e intelectuais juntamente com as classes populares, a fim de demonstrarem suas relações com o continente latino-americano, com as questões sociais.

A educação popular construiu-se em meio às organizações e movimentos populares, de acordo com Fávero (2001) os movimentos de cultura popular na América Latina da década de 1960, foram os grandes semeadores de ideias e de divulgação dessas vivências. No entanto, seus valores e princípios, de caráter libertário e conscientizador, ultrapassaram as barreiras de toda a sociedade, de maneira a influenciar até mesmo as práticas escolares e os demais espaços educativos.

A educação, nessa perspectiva abriria caminhos e oportunidades para essas pessoas, contribuindo para tomada de consciência social e o despertar da compreensão do seu lugar ativo na sociedade, para a transformação social. Transformações essas que dão sentido à realidade e os tornam sujeitos da história.

A educação popular detém grande possibilidade de se criar uma conscientização a partir da identificação da realidade e de sua posição social e com a participação ativa na direção da superação de conflitos, ou até mesmo de acolhimento das necessidades humanas. Trata-se de uma prática carregada de experiências e ensinamentos, que atribui a seus participantes o protagonismo e o envolvimento com as questões sociais.

Nesse período destacaram-se alguns intelectuais que desenvolveram trabalhos e defenderam uma educação voltada à emancipação popular e as mudanças na forma de ser da sociedade. Sabe-se que a educação não é a única forma de resolver os problemas existentes,

mas é uma dimensão fundamental para realização de tal mudança. No contexto latino-americano, ressaltamos as ideias desenvolvidas por Paulo Freire e Ivan Illich, ambos defendiam a conscientização por meio dos processos educativos e pedagógicos.

2.1 – Paulo Freire: Vida e Obra

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido como Paulo Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife em Pernambuco. Filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, o pai era capitão da Polícia Militar e a mãe fazia os trabalhos domésticos e gostava de bordar e tocar piano. Com a crise de 1929 a família precisou mudar de Recife para Jaboatão dos Guararapes, a fim de superarem as dificuldades financeiras, lá a família passou os próximos 10 anos. (HADDAD, 2019)

Freire, A.⁶ (1996) conta que Paulo aprendeu a ler com o pai e a mãe, escrevendo com gravetos de árvores na terra do quintal da casa onde nasceu. Ele sempre compartilhava esse fato em suas falas e escritos. Mas foi em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco (PE) que Paulo completou os primeiros anos de estudos. Joaquim, seu pai morreu quando ele tinha 13 anos de idade e após a morte do marido Edeltrudes ficou responsável pelo sustento da família e dos 4 filhos: Stela, Armando, Temístocles e Paulo. Sem condições de pagar os estudos dos filhos, Edeltrudes vai a Recife em busca de uma bolsa de estudos nas escolas da cidade, até conseguir ajuda do diretor do Colégio Oswaldo Cruz que ofereceu não só matrícula gratuita como também tornou Paulo em auxiliar de disciplina.

Em 1943 entrou para o curso de Direito na Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ainda estudante de direito, em 1944, casou-se com Elza Maria Costa de Oliveira e tiveram cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Mais tarde, Elza, sua primeira esposa, participou ativamente nas primeiras experiências de Paulo Freire na educação. Com ela, Paulo aprendeu a valorizar as atividades de alfabetização e educação dos trabalhadores, principalmente os rurais. Ele afirmava que Elza foi uma de suas maiores inspirações. O casamento durou até o falecimento de Elza em 1986. (BRANDÃO e FAGUNDES, 2016).

Paulo Freire formou-se em direito pela Escola de Direito de Recife em 1946, mas nunca exerceu a profissão. Viveu sua primeira experiência como professor, ao lecionar

⁶ Freire, A, diz respeito à Ana Maria Araújo Freire, com quem Paulo Freire casou-se em 1988. Pedagoga e doutora em Educação pela PUC- SP é também a responsável por seu legado e obra.

português no colégio onde fez seu ensino secundário e em aulas particulares, neste momento não existiam cursos especializados para professores do ensino secundário. Em 1947, foi designado a ser diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI) em Pernambuco. Neste trabalho Freire teve contato com trabalhadores pobres com baixa ou nenhuma escolaridade e que frequentavam as aulas do lugar, momento em que começou a se dedicar às teorias de educação de jovens e adultos. Também lecionou filosofia da educação na Escola de Serviço Social do Recife, anos depois. (FREIRE, A 1996).

Nos anos 1950, Paulo continuou suas experiências relacionadas à educação, porém foi na década seguinte, que desenvolveu seu trabalho de alfabetização de jovens e adultos e ficou conhecido não só no âmbito nacional, mas também internacional. Como dissemos, no item anterior essa década foi marcada por intensas disputas, no contexto de Guerra Fria.

No Brasil vivia-se um embate político e questionamentos entre os partidos de direita e de esquerda, acontecia uma disputa de concepção de sociedade. Os primeiros anos da década de 1960 do século XX foram importantes e decisivos em relação às mobilizações populares em defesa dos direitos humanos básicos no Brasil e na América Latina: como educação, saúde, trabalho, cultura dentre tantos outros. O Brasil, assim como em outros países da América Latina, como citados anteriormente, vivia uma tentativa de criação de novas estratégias para o desenvolvimento do país, também conhecido como ‘desenvolvimentismo’, que consistia na industrialização econômica e uma modernização do estilo de vida da população do país. Segundo Delgado (2010) no governo de João Goulart aconteceram manifestações sociais mais autônomas e cotidianas, como as Ligas Camponesas, as lutas do Movimento Estudantil e das organizações sindicais, que causaram um maior pressão para o acesso o conjunto da população as políticas públicas.

Frente a essas reivindicações houve a renúncia de Jânio Quadros em 1961, à presidência da República e conseqüentemente uma intensa crise nacional. O que levou ao poder João Goulart, político de caráter progressista assumiu a presidência, mas encontrava-se subordinado a um parlamento conservador. O governo de João Goulart, apesar das tensões políticas, tinha como objetivo melhorar as condições de vida da população e desenvolver uma política externa independente, tentando desvencilhar-se da influência imperialista dos Estados Unidos da América. Para isso tinha como proposta de governo a realização das Reformas de Base, projeto que oferecia condições para mudanças estruturais no Brasil a curto e a longo prazo. Além dos demais projetos serem importantes relacionados a questões tributárias,

bancárias, eleitorais e urbanas, a Reforma Agrária e a Reforma Educacional ganharam a adesão popular, como também foram responsáveis pela represália dos setores dominantes ao governo Jango ao longo do tempo (MOREIRA, 2011).

A Reforma Educacional e Universitária do governo Jango buscava ampliar o acesso à educação básica pública e gratuita das populações mais pobres com foco na educação profissionalizante, diminuir as taxas de analfabetismo de jovens e adultos e principalmente, criar condições de ampliação no número de vagas disponibilizadas pelas universidades brasileiras. Segundo Moreira (2011, p.299) “a intenção do governo era disciplinar a educação nacional e ampliar as garantias de liberdade do docente.”

Foi por meio de programas de alfabetização de jovens e adultos, que chegou-se ao trabalho desenvolvido por Paulo Freire, que não se tratava apenas de uma alfabetização sem propósito, mas de uma prática educativa revolucionária e libertadora, para além de conscientizar a população sobre sua importância na sociedade.

Paulo Freire estava presente nas discussões nacional sobre educação, política, cultura, nesse período. Sua participação ativa o levou a ocupar diversos outros cargos e posições. Freire, por exemplo, participou do início do Movimento de Cultura Popular⁷ (MCP) do Recife, o qual posteriormente foi um importante movimento cultural no combate à ditadura militar, instaurada anos depois. (BRANDÃO, 2017)

Em 1963, Paulo Freire assumiu como coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, programa criado e promovido pelo Ministério da Educação, que na época tinha como ministro Tarso Santos, para realizar uma campanha nacional de alfabetização e que usaria o “Método Paulo Freire” para alfabetização de adultos. Após a secretaria de educação do Rio Grande do Norte investir em promover uma forte campanha publicitária que defendia o uso do método Paulo Freire na alfabetização de jovens e adultos.

Paulo Freire já tinha vivenciado a experiência em Angicos⁸, município do interior do estado do Rio Grande do Norte (RN) em 1963. O local foi palco para o desenvolvimento, pela primeira vez, da experiência de alfabetização de jovens e adultos a partir do método de Paulo Freire, em qual contou com a ajuda de jovens estudantes e pedagogos. Germano (1997)

⁷ O MCP foi criado no Recife em 1959 e tem relação com a chegada de Miguel Arraes a prefeitura da cidade. Tinha objetivo formar uma consciência política e social nas massas trabalhadoras no intuito de prepará-las para uma efetiva participação na vida do país. Retirado do site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-de-cultura-popular-mcp> (Acessado em 6 de junho de 2022).

⁸ Carlos Lyra compartilha detalhadamente sua experiência de alfabetização na cidade de Angicos no livro “As quarenta horas em Angicos: uma experiência pioneira em educação” (1996)

apresenta que os participantes aprenderam a ler e a escrever, além de se politizar. Nessa proposta, havia em média 380 pessoas matriculadas, após vivenciarem a proposta de alfabetização. Trezentas dessas pessoas foram alfabetizadas em 40 horas, distribuídas em diversos encontros durante um curto período de tempo. Na cidade estiveram presentes muitos curiosos, especialistas em educação e jornalistas do Brasil e do exterior e também o presidente João Goulart, juntamente com o governador do RN, Aluizio Alves, que compareceram no encerramento dos Círculos de Cultura (GERMANO 1997).

Era por meio dos Círculos de Cultura que Paulo Freire defendia uma concepção de educação que se baseava nas rotinas pedagógicas e nas tradições culturais. Usava-se de palavras-chave, chamadas de geradoras, as quais consistiam em palavras conhecidas pelos educandos e que faziam parte da vida da comunidade para assim começar seu trabalho de alfabetização. Em sequência fazia análises e interpretações de mundo a partir das experiências dos alunos, as diversas visões de realidade existentes, enriqueciam e ajudavam no processo de conscientização dessas pessoas, e conseqüentemente na alfabetização e um despertar para uma politização, tendo como fruto o desejo de transformação da sociedade (ARELARO, 2019).

Com a instauração da Ditadura Militar, Freire foi considerado subversivo e exilou-se como refugiado político no Chile, permanecendo nesse país até 1969. Em terras chilenas lecionou na Universidade Católica de Santiago, trabalhou no Instituto de Pesquisa e Treinamento em Reforma Agrária e também no escritório Especial para a Educação de Adultos, lá escreveu Educação como prática de liberdade (1973) e escreveu à mão um esboço de Pedagogia do Oprimido (1970) (BRANDÃO, 2017). Segundo Beisiegel (2010) ainda em 1969, Freire seguiu como professor visitante para a Universidade de Harvard nos Estados Unidos da América, posteriormente foi para Genebra, na Suíça, onde trabalhou com consultoria em educação para o Conselho Mundial de Igrejas. Sua ligação com o cristianismo e a Igreja Católica, vem desde a época que vivia em Pernambuco e ressalta a importância da instituição no processo educacional.

Voltou ao Brasil na década de 1980, como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade de Campinas (Unicamp). Ao final dessa década, assumiu o cargo de secretário de Educação do município de São Paulo e permaneceu no cargo até 1991, quando se tornou professor visitante da Universidade de São Paulo (USP), durante todo esse período descrito, continuou com suas intensas produções de livros, artigos, conferências e etc.

Paulo Freire morreu em 9 de maio de 1997, após escrever mais de 20 livros e participar de 13 em coautoria, também teve suas obras traduzidas para mais de 15 línguas e é vendido em mais de 80 países (ARELARO 2019). Dentre essas produções destaca-se Educação pela Liberdade (1965) e a Pedagogia do Oprimido (1968), escritos quando ainda estava no Chile, outros foram publicados e escritos após sua volta ao Brasil como Pedagogia da Esperança (1992), Professora sim, tia não (1993), Pedagogia da Autonomia (1996).

2.3 – Ivan Illich: Vida e Obra

Diferente de Paulo Freire que é bastante conhecido mundialmente e tem muitas produções a partir da sua obra, Ivan Illich, em especial no meio educacional brasileiro é pouco conhecido e estudado.

Ivan Illich nasceu em 4 de setembro de 1926, em Viena na Áustria, filho de Gian Pietro Illich, de nacionalidade iugoslava e Elle Rose “Maexie” de origem judia. Seu pai era formado em engenharia civil e diplomata, vinha de uma família católica e que possuía negócios relacionados à vinho e azeite de oliva, na ilha de Brac na Croácia. Já sua mãe, Ellen Rose era de uma família de industriais e que viviam do comércio de madeira na Bósnia, seu pai (avô de Ivan) “Fritz” Regenstreif construiu uma villa *art nouveau* em Viena, Áustria. Illich cresceu vivendo de forma itinerante, passava um tempo com seu avô em Dalmácia e momentos com seu outro avô em Viena, ou viajando com seus pais. Rendendo-lhe assim, diversas experiências e acesso a informações e conhecimentos que a maioria das crianças e jovens da época não possuía e que mais tarde refletiria em sua facilidade para os estudos formais. (LEÃO NETO, 2017)

De 1936 a 1941 morou em Viena, estudando em estabelecimentos religiosos. Com o avanço do nazismo e a perseguição aos judeus, Illich precisou fugir com sua mãe e os dois irmãos, devido a sua origem materna, e terminou seus estudos secundários na Universidade de Florença, na Itália. Depois cursou Teologia e Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma (1945-1947). Obteve doutorado em História na Universidade de Salzburgo, onde conheceu seus grandes mestres Albert Auer e Michel Muechlin. (LEÃO NETO, 2017).

Após a guerra, já nos anos 1950, Illich ingressou na Igreja Católica, a fim de desenvolver sua carreira diplomática a pedido do Vaticano. De 1951 a 1956, Illich foi para os Estados Unidos como sacerdote assistente da Igreja da Encarnação Upper West Side, em Nova York, sendo essa instituição de origem irlandesa e porto-riquenha. Enquanto sacerdote

criou um centro de atendimento aos imigrantes porto-riquenhos e marcou uma disputa com os demais grupos de imigrantes da cidade (italianos, irlandeses e até mesmo judeus), que eram contra a presença dos latinos na cidade. (HORNEDO, 2012)

Deixou a liderança dessa igreja, para ser vice-reitor na Universidade Católica de Santa Maria de Ponde, em Porto Rico. Ivan também foi membro do Conselho Superior de Ensino na Universidade Estatal de Porto Rico. Devido a suas posições contra as declarações feitas pelo bispo de Ponde, nas quais proferiu ofensas aos cidadãos que votaram no governador Luis Muñoz Marín - defensor de propostas conservadoras e discriminatórias, como o de controle de natalidade da população Illich foi convidado a se retirar da ilha de Porto Rico. (HORNEDO ROCHA, 2012)

Ao final dos anos 1950, de volta aos EUA, Illich fundou a Universidade de Fordham, em Nova York. Seu interesse pela interculturalidade o levou a criar o Centro de Formação Intercultural (CIF), lá ele trabalhava como pesquisador e professor do Departamento de Sociologia. Sua principal tarefa era compartilhar e ensinar aos religiosos dos Estados Unidos e Canadá, formas de se comunicarem com a população latina, por meio do aprendizado do espanhol e da cultura hispânica. A ideia principal do CIF era capacitar os missionários norte-americanos a falarem espanhol, e também a aprenderem sobre as culturas latino-americanas, criando assim um diálogo entre os grupos sociais. (SILVA, 2022)

Em 1961 Illich mudou-se para Cuernavaca, no México, e criou o Centro Intercultural de Documentação (CIDOC) na cidade, uma espécie de continuação do CIF, que pretendia continuar seus trabalhos de integração e de fortalecimento das relações interculturais. O CIDOC, criado de início como um lugar para formação e preparação de religiosos e missionários norte-americanos para trabalharem na América Latina, acabou se tornando um centro de estudos da cultura latino americana, logo também da educação nesse contexto. (GAJARDO, 2010)

Segundo Prakash (2010), o Centro Intercultural foi um ambiente ativo e que recebia profissionais e intelectuais de várias origens (principalmente norte-americanos e latino-americanos), para discutirem e pensarem sobre os problemas da sociedade, como educação, cultura e saúde, tornou-se um tipo de universidade aberta, direcionada para os problemas dos países do capitalismo periférico, principalmente da América Latina. Outra função desempenhada pelo CIDOC foi à discussão sobre a maneira como a Igreja Católica estava atuando na América Latina, Illich e seus companheiros faziam duras críticas às ideias

desenvolvimentistas da instituição reconhecendo que elas traziam prejuízos para toda a população, principalmente aos mais pobres.

Muitas das discussões feitas no CIDOC viraram oficinas e seminários sobre temas políticos e socioculturais, além disso, em 1966 as ideias refletidas e discutidas neste espaço, se tornaram os Cadernos do CIDOC, pequenas produções impressas que tratavam sobre as alternativas a serem tomadas diante do avanço da sociedade desenvolvimentista e tecnológica. É justamente desse momento os primeiros panfletos de autoria de Ivan Illich, estendendo suas críticas à igreja enquanto instituição formal e empresarial, à escola e a desescolarização da sociedade, e que mais tarde se tornaria seu famoso livro, “Sociedade sem escolas” ou Desescolarização da Sociedade. (LEÃO NETO, 2017)

Após diversos embates e críticas a instituição igreja, tanto a direita quanto a esquerda da Igreja Católica, não apoiavam Illich e o CIDOC, pois os consideravam sua atuação controversa. Após acusações e censuras, por parte de seus colegas e da própria Igreja, o professor acaba por abandonar o sacerdócio em 1969. Após exatos dez anos de atuação, em 1976, Illich resolveu colocar fim as atividades desempenhadas pelo CIDOC. (REVISTA IHU ONLINE, 2002).

Na década de 1970, Illich ganhou notoriedade entre os intelectuais da esquerda, principalmente na França, considerada o berço da contracultura, devido ao seu caráter contestador das instituições e estruturas sociais e também por fazer interpretações e críticas à sociedade contemporânea e de buscas para o bem viver. A partir de 1980, Illich dividiu-se entre estar no México, nos EUA e na Alemanha. Em seus últimos anos de vida, o austríaco atuou como professor convidado de filosofia, ciência, tecnologia e sociedade, na Penn State, na Pensilvânia (EUA) e nas universidades de Bremen e de Hagen (Alemanha). (REVISTA IHU ONLINE, 2002).

Ivan Illich tornou-se conhecido por suas ideias polêmicas sobre a cultura humana, como ela pode ser preservada e disseminada, por meio de atividades expressivas e humanizadas. Em suas produções mais conhecidas, o austríaco defende que o uso excessivo de tecnologias e de composições/produções sociais modernas, danificam os valores sociais, culturais, econômicos e políticos dos seres humanos, ou seja, vão contra a ideia de interdependência humana. Suas críticas às relações de trabalho, desenvolvimento econômico e a outras instituições contemporâneas, tornaram-se mais importantes e relevantes após sua morte. (CASAGRANDE e FREITAS, 2020).

Dentre essas obras mais importantes estão: a Sociedade desescolarizada (1970) que no Brasil foi traduzido como “Sociedade sem escolas”, sua obra mais popular na qual ele faz uma crítica ao sistema escolar formal, e será discutida no Capítulo 2 deste trabalho; A convivencialidade (1973) refere-se a uma crítica à lógica industrial e ao capitalismo contemporâneo; Energia da Equidade (1973), em que fala sobre a crise energética e a má distribuição de renda e principalmente, como o capitalismo e a industrialização define as relações sociais e políticas; Nemesis da Medicina (1974) trata sobre a medicina moderna e sua forma de lidar com os adoecimentos relacionados ao modo de viver capitalista e também como esse mesmo sistema desvaloriza os conhecimentos populares sobre saúde. (HORNEDO ROCHA, 2016).

Para Hornedo Rocha (2016) suas análises nos permitem entender com maior facilidade o funcionamento das relações sociais de produção e a detalhar as grandes estruturas e instituições que dão sentido ao modo de produção capitalista e industrial do século XX.

Illich morreu em 2 de dezembro de 2002 em Bremen, na Alemanha. Segundo relatos, seu último desejo antes da morte, não foi realizado, que era morrer rodeado de colaboradores próximos em Bolonha, em meio à criação de seu novo centro de aprendizagem.

Apesar de manter relações com notórios anarquistas de esquerda, como Paul Goodman e John Holt, que também era defensor da desescolarização, Illich nunca se intitulou anarquista. Suas obras têm sido redescobertas por uma geração de pensadores, como G. Snyders, Canário, Pombo, Oliveira, Hornedo Rocha entre outros, devido a uma nova onda de críticas radicais ao modo de produção industrializado, ao capitalismo e também ao surgimento de novas formas de se compreender o mundo, quer seja por meio das críticas ou concordâncias (DI PIETRO, 2008).

3 - As concepções de educação e escola de Paulo Freire e Ivan Illich: aproximações e distanciamentos

Paulo Freire e Ivan Illich foram contemporâneos em suas produções e até mesmo conviveram em algum momento de suas vidas. Os autores tinham um mesmo propósito intelectual, a formulação de um pensamento crítico diante do modelo educacional, e para isso propuseram modificações estruturais desse processo e do sistema escolar. Enquanto Freire destacou-se por seu original trabalho de educação popular, na alfabetização de jovens e

adultos e pelo qual ficou internacionalmente conhecido. Illich foi um crítico das várias instituições tradicionais da sociedade, inclusive a escola, e também pesquisou e escreveu sobre diversas áreas do conhecimento. Assim analisaremos “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire e “Sociedades sem escolas” de Ivan Illich, a fim de compreender os conteúdos produzidos pelos dois autores e suas concepções de educação e escola.

3.1 – Pedagogia do Oprimido

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi escrito durante o exílio de Paulo Freire no Chile, nos anos de 1960 e é sua obra mais conhecida. Segundo Freire, A (1996, p.59) o autor escreveu os três primeiros capítulos do livro em apenas quinze dias, no entanto o quarto e o último capítulo demorou alguns meses, pois precisava ordenar as ideias em seu pensamento. A obra foi escrita em meio a conflitos sociais e políticos na América Latina, que vivia um momento repleto de violência e repressão legitimadas pelos governos, conforme discutimos no capítulo anterior.

Trata-se de uma crítica à arrancada neoliberal (Freire, A 1996) e um retrato do contexto latinoamericano revolucionário da época, por meio da análise das relações pedagógicas e educativas entre opressor e oprimido. Um contexto histórico repleto de problematizações e críticas às práticas educativas e a sociedade capitalista. O autor se propõe a demonstrar que política e educação são elementos que não se separam.

Importante ressaltar que Paulo Freire foi considerado um cristão progressista e crítico a Igreja enquanto instituição, suas obras de forma geral são influenciadas pelas reflexões de pessoas que pensavam a luta a favor da causa dos oprimidos, como Dom Helder Câmara⁹ e seu trabalho no nordeste brasileiro. Sobre o que diz respeito ao caráter revolucionário da *Pedagogia do Oprimido*, é necessário lembrar o contexto social e político daquela época e qualquer interpretação que desconsidere isso, tende ao anacronismo. (SCOCUGLIA, 2018)

Pedagogia do oprimido tem 253 páginas divididas em 4 capítulos. Na dedicatória há um trecho escrito por Freire: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobre e assim

⁹ Dom Helder Câmara foi um bispo católico e educador, que esteve à frente da Arquidiocese de Olinda entre 1964 e 1985. Câmara lutava por uma Igreja libertadora e fazia um trabalho político-educacional para que a educação fosse também libertadora e solidária, perante aos mais pobres e necessitados. Retirado do site: [https://www.ebiografia.com/dom_helder_camara/#:~:text=Dom%20H%C3%A9lder%20C%C3%A2mara%20\(1909%2D1999,Popular%20da%20Paz%2C%20na%20Noruega.](https://www.ebiografia.com/dom_helder_camara/#:~:text=Dom%20H%C3%A9lder%20C%C3%A2mara%20(1909%2D1999,Popular%20da%20Paz%2C%20na%20Noruega.) (Acessado em 15 de julho de 2022).

descobrimo-nos, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”, discurso esse claramente influenciado pela Teologia da Libertação, que tinha como expoente na época o escritor martinicano Franz Fanon¹⁰ e outros autores citados anteriormente neste trabalho. A edição do livro possui um prefácio de nome “Aprender a dizer sua palavra”, escrito pelo Professor Ernani Maria Fiori¹¹, no qual ele trata sobre a alfabetização de jovens e adultos, considerando assim a educação como uma forma de promover transformações estruturais na sociedade, há também uma introdução feita por Paulo Freire intitulada “Primeira palavras”, ambas escritas em Santiago do Chile em 1967 e 1968 respectivamente.

Scocuglia (2020) mostra que Freire se aproxima das ideias marxianas e marxistas, por meio das discussões sobre as classes sociais e o conflito entre elas, como também faz uma crítica à sociedade capitalista e ao processo de desumanização, o que se perpetua pela educação bancária e com a escola e sua reafirmação dos valores burgueses. A educação da maneira como se desenvolve, é um processo de disputa no qual os opressores impõem seus ideais e limitam os oprimidos de compreenderem o mundo no qual estão inseridos e principalmente, de que tenham consciência de toda essa opressão. A práxis, junção de prática e teoria, seria a consciência crítica dessa opressão, ou seja, “é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 2021, p.52).

Na introdução Paulo Freire trata sobre o homem¹² e sua inquietação diante das coisas, ou seja, sobre sua vontade de descobrir o mundo. Não só descobrir o mundo, mas também a si próprio e o sentido de sua existência, sendo levado assim a refletir também sobre outras dúvidas e perguntas. Freire (2021, p.32) apresenta que “a conscientização que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua inserção”, ou seja, trata-se de um movimento de procura/busca pelo significado das diferentes existências. A seguir, nos três primeiros capítulos, segundo Scocuglia (2020), Freire pretende aprofundar assuntos que foram discutidos em sua obra anterior, *Educação como prática da liberdade*, publicada em 1965, em que no último capítulo “marca a ultrapassagem e a

¹⁰ Médico e psiquiatra, nascido na Martinica, autor da obra *Os condenados da terra*, na qual reflete sobre a libertação do colonizado, a desumanização e principalmente do racismo cotidiano.

¹¹ Foi professor de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cassado pela Ditadura Militar e viveu seu exílio no país vizinho, o Chile. Também era grande amigo e colaborador de Paulo Freire na produção intelectual sobre educação popular.

¹² Homem usado para referir-se aos seres humanos de maneira geral, diz respeito à espécie humana.

prospecção teórica fundada nos conflitos sociais e na educação do oprimido nesses conflitos” (Scocuglia, 2020, p.16).

Logo no início do capítulo 1, denominado: “Justificativa para a Pedagogia do oprimido”, o autor destaca os processos, o de humanização, juntamente com o fenômeno de conscientização/reconhecimento, e o de desumanização, a combinação entre esses processos, marcam uma estrutura de opressão, caracterizada pela violência dos opressores. A desumanização é apresentada como a exploração do opressor sobre o oprimido, por meio da exploração do trabalho e coisificação do ser, ou seja, a dualidade entre o “ser menos” e o “ser mais”. (FREIRE, 2021, p.47)

Nessa primeira parte o autor deixa evidente que sua intenção não é pensar sobre qualquer pedagogia e sim a pedagogia do oprimido, enquanto uma expressão que traz mudanças importantes na educação enquanto prática da liberdade. Freire (2021) mostra que a maneira que o oprimido tem para recuperar sua humanidade é por meio da luta pela libertação e de um processo contínuo de humanização, é ele o agente de transformação da realidade opressora que lhe é imposta. Assim a Pedagogia do Oprimido só pode ser pensada *para e com* os oprimidos, trata-se de uma tomada de consciência em que o oprimido faz uma reflexão dialética da relação oprimido versus o opressor, que se baseia na práxis e na ideia de libertação.

Ao se referir aos oprimidos, Paulo Freire traz uma dualidade emblemática, pois no processo de se conseguir obter sua própria palavra/voz e assumirem seu lugar enquanto sujeitos, por vezes podem “aderir” ao opressor, e esse é um dos problemas centrais da educação. Freire (2021) ao tratar sobre o fato dos oprimidos introjetarem a ideia que os opressores têm sobre eles, faz referência a consciência servil e consciência opressora trazida pela dialética de Hegel¹³, para o processo de conscientização ser concreto, se faz necessário o movimento de libertação e de autenticidade a partir de uma práxis libertadora, pela tomada da consciência de classe (ideais marxistas) e conseqüentemente pela superação da opressão.

Depois, Freire (2021, p.75) também apresenta como os educadores/opressores podem se engajar nessa superação da opressão, nesse caso sem roubar o protagonismo dos educandos/oprimidos, por meio de uma luta *com* eles e não *para* eles. Para isso elenca

¹³ Autor germânico que fez parte do movimento Idealismo Alemão no fim do século XVII e início do XIX, escreveu sobre a relação senhor-escravo e as transformações de realidade por meio da mudança de consciência do escravo.

algumas características como: considerar a revolução enquanto um aspecto pedagógico da educação; a liderança revolucionária fazer uso de um método e práticas pedagógicas que despertem a consciência dos educandos e mostrar que o processo de humanização e de libertação são formas de subverter a ordem, pois a luta deixa de ser individual e passa a ser coletiva.

Haverá dois momentos marcantes para o desenvolvimento da pedagogia do oprimido, primeiro quando os oprimidos assumem a responsabilidade da transformação, por meio da práxis e o desvencilhamento das opressões. Para posteriormente, em um segundo momento, com a transformação da realidade de opressões, a pedagogia passa a ser dos homens de maneira geral, mas com um intuito de permanente libertação.

A concepção “bancária” da educação como instrumento de opressão é o título do capítulo 2 do livro, considerado um dos pontos centrais da obra. O autor faz uma crítica a educação bancária e a problematiza enquanto um dos principais elementos que auxiliam na opressão e no controle dos oprimidos. A educação bancária tem como enfoque de que o educador seja o sujeito da situação, sendo responsável pela narração dos conteúdos e os educandos, os ouvintes passivos que devem somente à memorização. Ou seja, a educação bancária deposita conteúdos e informações nos educandos de maneira imposta, para que eles fiquem com seu repertório de conhecimentos limitados e sem a possibilidade de diálogo, opiniões e problematizações. Em contraponto a educação problematizadora incentiva que os oprimidos lutem pela sua emancipação social, política e cultural, além de valorizar a criatividade e a superação da hierarquização entre educador e educando.

Ao decorrer do capítulo Freire faz um paralelo entre a Educação Bancária e a Educação Problematizadora. A educação bancária se dá por meio de uma relação de poder entre educador e educando, sendo o educador um narrador de conteúdos e valores, ou seja, o protagonista da relação e os educandos, meros objetos e receptores do conhecimento narrado. Para Freire (2021, p.85) “a educação bancária não prega a conscientização dos oprimidos/educandos, pelo contrário, o propósito é reforçar a desumanização”. A visão bancária anula a criatividade e a criticidade dos educandos, de forma a satisfazer o interesse do opressor.

Ao tratar da educação bancária Paulo Freire faz uma crítica à escola e aos processos educativos, e principalmente como ela propaga a ideia de domesticação dos educandos, quer

seja por meio dos conteúdos escolares que em sua maioria são assuntos alheios a realidade, transmitidos por meio da valorização da memorização, da repetição exaustiva e da cultura do silêncio.

Contrapondo-se à educação bancária temos a educação problematizadora, essa que problematiza a realidade e também os conteúdos do próprio currículo escolar. Ao afirmar que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” Freire (2021 p.71) apresenta a superação da contradição entre educador-educando, por meio de uma educação problematizadora, mediada entre o diálogo e dos métodos ativos, de forma a se considerar os conhecimentos que os educandos já possuem e a fim de se desvendar e entender a realidade. Essa concepção de educação é mediada pelo diálogo entre as partes integrantes, com a intenção de desenvolver uma educação da pergunta, do problema e da pesquisa, os educadores-educandos se tornam investigadores críticos e autônomos, para finalmente repensar novas formas de se ensinar, aprender e conhecer os conteúdos escolares.

Para Freire (2021) a educação problematizadora/libertadora não pode ser neutra, ela necessita contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica tanto ao educador quanto ao educando por meio de uma relação dialógica, ou seja, pela simples vontade de compartilhar com o outro. A educação se refaz constantemente na práxis, sendo o homem um ser inconcluso e consciente desse processo, numa busca por “ser mais”.

No capítulo 3, da obra, intitulado: “A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade”, o autor trata sobre a relação da dialogicidade enquanto uma prática da educação para a liberdade. Freire (2021) mostra que o diálogo é uma característica essencial dos seres humanos, então a *palavra* é humana. A palavra sem intenção de ação é uma palavra sem sentido e alienada, a palavra sem intenção de reflexão é ingenuidade, incoerência, então se faz necessário que a palavra seja a junção da ação e da reflexão, ou seja, a práxis.

Uma das críticas feita a Paulo Freire é justamente sobre o método usado para alcançar uma pedagogia libertadora e transformadora, pois defende uma concepção de educação que coloca os oprimidos/educandos como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Freire ao questionar a centralidade da escola bancária, considera fundamental incluir nos processos educativos o conhecimento de origem popular em detrimento de um saber esquematizado/tradicional, sem conexão com a realidade. Para isso, usa de artifícios como o “círculo de culturas”, as “palavras/temas geradoras”, “problematização” e das relações

“dialógicas”. De maneira que o ponto de partida é a realidade e o contexto social e os conhecimentos que os educandos possuem e como todos esses elementos podem influenciar no processo de conscientização em detrimento a educação bancária.

O diálogo, assim como a palavra faz parte da existência humana e pode ser considerado “como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade” (Freire, 2021, p. 111), ou seja, ele é uma mediação da relação eu-tu dos homens no mundo. Segundo Freire na educação (2021, p.115) “o diálogo começa na busca do conteúdo programático”, nesse caso entendido como ação política e uma troca entre as visões de mundo e suas situações.

Quando se pensa sobre ‘como ensinar’, Freire apresenta que o pensamento crítico – construído por meio do diálogo é essencial para a educação e uma forma de desenvolver as práticas pedagógicas. Enquanto o educador bancário narra e disserta os conteúdos, o educador-educando faz uma devolução organizada, sistematizada do que o povo entregou-lhes de forma desorganizada (Freire, 2021, p.116). O educador-educando é o investigador do povo, por meio de uma metodologia conscientizadora ele descreve as situações, pensa em temas geradores e gera um momento de cisão/revelação na relação entre homem e mundo, permeada pela criticidade, pela consciência da realidade juntamente com uma autoconsciência. (FREIRE, 2021).

Considerando que a ação educativa e política não se separa do pensamento crítico, cabe ao educador se fazer entender, por meio da escolha do universo temático e dos temas geradores, ele apresentará aos educandos questões que incentivem uma percepção de si mesmos e do mundo em que estão inseridos. Assim o tema gerador tem como intuito a objetividade, a experiência existencial e novamente a reflexão crítica, baseado na existência no espaço histórico (Freire 2021).

Os temas geradores acontecem no momento pós-alfabetização, ou seja, depois de todo o processo de revolução, quando ambas as partes conseguem participação direta nas observações e ações culturais, assim desenvolvendo a dialogicidade da educação por meio de um trabalho interdisciplinar.

Teoria da ação antidialógica é o nome dado ao quarto e último capítulo, dedicado a refletir sobre a ação antidialógica em contraponto a dialógica, sendo a primeira essencial para a perpetuação das opressões e a segunda comprometida com o processo de libertação. Freire

(2021) faz uma crítica radical a teoria da ação antidialógica que foca nos dominadores e em suas conquistas, ou seja, uma valorização dos discursos criados pelos “opressores”. Estes optam pela perpetuação das opressões, por meio da manipulação e desqualificação das identidades dos oprimidos.

Freire (2021) utiliza palavras chaves para definir a teoria antidialógica como: conquista, divisão, manipulação e invasão cultural. O foco principal é manter os oprimidos alienados, para isso usam do mito como suporte, a fim de reafirmarem a ordem opressora é natural. Já a teoria da ação dialógica, é marcada pela co-laboração, a organização e a síntese cultural, tendo o homem como protagonista do processo histórico.

A ação dialógica trata sobre o homem enquanto ser conscientizado e que possui noção sobre sua práxis, ou seja, a transformação resulta justamente da reflexão e da ação. Outro ponto apresentado por Freire (2021) é sobre as lideranças revolucionárias não tornarem-se ‘donos’ das relações com os oprimidos, e sim trabalhar o diálogo e apresentação de todos os pontos de vista.

Essa parte da obra *Pedagogia do Oprimido* demonstra proposição filosófica, pois as ideias vão progredindo de acordo com o desenvolver do texto e das situações apresentadas. Paulo Freire novamente apresenta a inseparabilidade entre educação e política e o seu método crítico e problematizador e baseado no diálogo, trata-se de uma revolução no campo das ideias inicialmente, para depois se pensar em alternativas para serem executadas no real.

Importante ressaltar que nos manuscritos originais de *Pedagogia do Oprimido* há um gráfico em que o autor esboça sua “Teoria da Ação Revolucionária” e “Teoria da Ação Opressora” e que não foi adicionada a edição brasileira, publicada pela primeira vez em 1975. O gráfico é representado em forma cíclica, no qual os líderes revolucionários e os oprimidos são colocados no mesmo patamar e com setas os interligando, representando assim o diálogo entre eles. Já a segunda parte é apresentada de forma vertical com setas apontadas para baixo indicando uma manutenção da opressão e ausência de diálogo.

De acordo com a pesquisadora Camila Téó da Silva, o manuscrito foi entregue por Freire a um casal de amigos ainda em 1968, pois o autor temia que o material fosse confiscado pelo recém-instaurado governo autoritário chileno, só nos anos 2000 o manuscrito foi recuperado e cedido ao Instituto Paulo Freire. Para sua pesquisa Silva digitalizou os

manuscritos a fim de facilitar sua leitura e o estudo resultou na dissertação de mestrado “A gênese da Pedagogia do Oprimido: o manuscrito”¹⁴.

3.2 – Sociedade sem escolas

La desescolarización de la sociedad ou Sociedade sem escolas é um livro do austríaco Ivan Illich, lançado originalmente em 1971. Possui 146 páginas e é dividido em introdução e 7 capítulos, sendo eles: Porque devemos desinstalar a escola; Fenomenologia da escola; A ritualização do progresso; O espectro institucional; Concordâncias irracionais; Teias de aprendizagem e Renascimento do homem Epimeteu. De maneira geral, Illich questiona o modelo escolar do sistema industrial, capitalista e propõe a desescolarização da sociedade e das instituições. O lançamento de *Sociedade sem escolas* coincide com sua saída da vida religiosa e dos conflitos com a Igreja Católica e o Vaticano, essa obra gerou grandes inquietações em sua época.

Segundo Hornedo Rocha (2016) o título causa grande confusão sobre o conteúdo específico a ser tratado nessa obra, no entanto o autor não incentiva o abandono a escola e nem sua desapareição, o que ele propõe é a reforma ou a substituição do modelo de ensino escolarizado. Ao pensar a desescolarização, Illich traz a possibilidade de se descobrir a real potencialidade e habilidade dos educandos, por meio da dissociação do sucesso escolar com desenvolvimento pessoal e econômico. Mesquida e Ferreira (2020, p.7) mostram que “desescolarizar a sociedade significa combater a escola atual enquanto aparelho do modo capitalista de produção”.

A grande questão de Illich está em seu discurso libertador. Seus pensamentos “utópicos”, não são considerados padrões na sociedade e acabam por se tornarem uma crítica lúcida e de alteridade, de forma a que se propõe a uma mudança de consciência e não a uma intervenção imposta. Para Hornedo Rocha (2012) suas obras são influenciadas por autores como Karl Marx, Paul Goodman, Jacques Ellul, Paulo Freire e Émile Durkeim e outros intelectuais que criticaram a sociedade moderna.

¹⁴ <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/estudo-transcreve-manuscritos-ineditos-de-a-pedagogia-do-oprimido/> - Acessado em 12 de outubro de 2022.

O autor problematiza a decadência da sociedade por meio da ausência de autonomia dos seres humanos, diante das grandes instituições, como a escola, o sistema de saúde e a Igreja. Ao longo do texto Illich utiliza de uma lógica em que fala sobre um determinado assunto e depois tenta relacioná-lo a exemplos da vida real, lançando mão de metáforas do pensamento cristão ou acontecimentos históricos, por vezes também faz suposições sobre alguns assuntos e acontecimentos.

Já na introdução Illich (2018, p.7) inicia com uma crítica aberta a escola ao dizer que “não é possível uma educação universal através da escola”, ou seja, o acesso universal a escola é necessário, mas ainda assim não é o suficiente para diminuir as desigualdades existentes, é preciso complementar com outras mudanças estruturais e novas formas de educação. Deixa evidente que suas reflexões dizem respeito aos debates sobre a escola pública no contexto estadunidense nas décadas de 60 e 70, também apresenta que o texto foi discutido no CIDOC em 1970 por vários intelectuais que pensavam sobre educação e o sistema escolar, dentre eles estava o brasileiro Paulo Freire.

Em “Porque devemos desinstalar a escola”, Illich (2018) mostra que a escola é responsável pela confusão entre Ensino e Aprendizagem, ou seja, não sabem diferenciar o processo da substância. O aluno e a sociedade com pensamentos escolarizados também confundem a obtenção de graus com educação, diploma com adquirir competências e fluência ao falar com dizer algo inédito, para ele a escola passa a falsa ideia de modernização, se que em sua concepção se trata de uma degradação dos valores.

Ao criticar a institucionalização ele mostra que esse processo transforma necessidades não materiais em mercadoria, como a saúde, e a educação, ao invés de usar as tecnologias disponíveis para criar instituições que incentivariam a interação pessoal, criativa e autônoma, as instituições existentes se beneficiam a conservação das desigualdades sociais.

Illich (2018) apresenta que não só a educação como toda a realidade social é escolarizada e há o discurso de legitimidade por parte das grandes instituições como escolas, hospitais, família e etc., qualquer realização ou associação que assumam tarefas educativas que fujam a esses parâmetros são vistas como suspeitas e não são valorizadas.

Outra questão apresentada é em relação ao currículo escolar e sobre como ele está relacionado a um posto social. Apesar de se colocar como uma instituição universal o sistema escolar monopoliza a distribuição de oportunidades e é ineficiente no desenvolvimento de

habilidades, o que é ensinado nas escolas perpetua a atribuição de funções sociais e principalmente não considera a história pessoal e individual de cada educando. Para Illich (2018) não se obtém educação nas escolas, pois seu caráter obrigatório, a influência constante dos professores juntamente com a limitação dos currículos, freia o processo inventivo, criativo e a autonomia dos alunos.

O autor considera que a educação pode ser oferecida por outras instituições além da escola, por meio de processos investigativos, formulação de problemas e a reunião de pessoas que tem os mesmos interesses. Compartilha também a experiência de alfabetização de Paulo Freire, que a partir da reflexão de palavras-chave constrói uma discussão sobre a realidade dos educandos e conseqüentemente uma consciência social. Considera que a educação informal trata-se de um processo contínuo de aquisição de habilidades e que reflete sobre o valor social do trabalho.

No capítulo 2, “Fenomenologia da escola”, Illich conceitua escola e diversos termos relacionados à instituição e suas relações com a educação. Apresenta que existe uma flexibilidade no significado da palavra, mas conceitua escola como: “um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor” (ILLICH, 2018, p.41). Depois faz referências e problematiza os termos usados nessa definição, como faixa etária, a relação entre professor e alunos e o tempo integral.

O terceiro capítulo “A ritualização do progresso” trata sobre o processo acadêmico e sobre a forma como as universidades, assim como as escolas, impõe os padrões de consumo. As universidades apresentam condições para o desenvolvimento de críticas e ações autônomas, porém não é permitido o questionamento sobre o Mito e as Instituições de maneira geral. Logo depois Illich (2018) apresenta o Mito do consumo interminável que consiste na ideia de que o processo produz algo de valor e por isso a produção necessariamente cria a demanda, reforçando assim a ideia de regressão social, na qual a responsabilidade do “eu” passa para a “instituição social”. Illich utiliza-se de metáforas religiosas para exemplificar o conteúdo desse capítulo, por exemplo, compara a vivência da escola e a expectativa de um futuro melhor e de bem estar econômico com a esperança cristã de encontrar um paraíso no pós morte.

Pouco depois Illich faz referência a Karl Marx e o conceito de alienação. Para o autor a escola é um instrumento moderno de alienação, pois volta-se para assim destinar as pessoas a cadeia de produção e consumo ou ajusta-las a alguma outra instituição, por meio das

promoções gradativas e da modelação do futuro consumidor e conseqüentemente dos produtos a serem consumidos.

Em “O espectro institucional” traz a ideia de utopia enquanto uma projeção de um futuro mais promissor e a ideia de convivialidade, que posteriormente será tema de uma obra sua. Illich usa da dualidade entre instituições de direita e de esquerda para exemplificar a ideia de Consumo x Necessidades básicas. Para ele as instituições de direita como as prisões, os manicômios e até mesmo as escolas, além de restringirem a autonomia dos seres humanos, também os manipulam. Enquanto as instituições de esquerda “tendem a ser redes que facilitam a comunicação ou cooperação dos clientes que tomam iniciativa (Illich, 2018, p.75).

Também discute sobre como as escolas são falsos serviços públicos, pois forjam uma falsa necessidade a fim de atingirem uma competência exigida, pois a valorização de alguém sempre está relacionada ao número de anos e do custo de sua trajetória escolar, causando assim uma espécie de elitização.

“Concordâncias irracionais” é o título do quinto capítulo da obra, no qual Illich inicia sua proposta de alternativas ao ensino escolar e que essas ‘novas instituições’ se aproximem de diferentes contextos e organizações da sociedade. Novamente trata sobre a crise na educação e usa como exemplo dessa vez o abandono escolar, considera tanto a saída dos alunos quanto dos professores que de alguma maneira se desvinculam da escola. Questiona o real papel do pedagogo dentro do contexto escolar e sua responsabilidade sob a relação de ensino-aprendizagem. Illich apresenta como a aprendizagem compulsiva dificulta o amadurecimento dos jovens e adolescentes por meio da educação, para ele a revolução educacional consiste numa compreensão de um novo estilo educacional e de uma contracultura emergente, que desescolarize o pensamento de toda a sociedade. Por fim apresenta rapidamente o conceito de teia educacional, mas somente no próximo capítulo desenvolve sobre o assunto.

O sexto e penúltimo capítulo, Teias de aprendizagem trata sobre as novas possibilidades de aprendizagem e as novas relações com o mundo. Illich elenca 3 fatores que caracterizam as novas instituições educativas e formais que representariam um bom sistema educacional (Illich, 2018, p.98):

- 1 – dar a todos que quiserem aprender acesso aos recursos disponíveis;
- 2- capacitar a todos que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles;

3 – dar oportunidade a todos que queiram tornar público um assunto que tenham possibilidade.

Illich pensa em uma solução para que a educação esteja ao alcance de todas as classes sociais, assim, os locais de encontro de grupos seriam lugares onde todos trocaram e compartilhariam conhecimentos e também poderiam ter acesso a diversos e diferentes materiais didáticos, diferente do que ocorre na escola tradicional. Essas novas instituições ou organizações alternativas à escola teriam como base principal o fácil acesso do aprendiz e a disponibilidade de mestres/educadores que incentivem o desenvolvimento da autonomia e da autorresponsabilidade do processo educacional desses aprendizes.

Illich apresenta a seguinte pergunta “Com que espécie de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contato para aprender?” (Illich, 2018 p.100), também defende que no mínimo quatro redes de aprendizagem como coisas, modelos, colegas e adultos, são necessárias para os aprendizes desenvolverem habilidades e as ações de competir, criticar, cooperar e compreender sua existência no mundo. Sendo que nas coisas/objetos podem guardar informações, com os colegas compartilharem e trocarem ideias, com os adultos aprenderem por meio do exemplo e das experiências e com todas as outras redes terem a ideia do modelo a ser seguido e desenvolvido.

No último capítulo, “O renascimento do homem Epimeteu”, Illich faz referência ao mito grego da Caixa de Pandora e aos irmãos, Prometeu e Epimeteu. Apresenta que a sobrevivência humana dependa da sua redescoberta como força social por meio da *paideia* (educação). Continua com suas críticas ao processo de escolarização e a instituição escola e defende que ela prepara o homem para um mundo planejado, ou seja, é responsável pela padronização e pela legitimação da forma de ser da sociedade, que se baseia na exploração dos recursos naturais e na valoração de bens materiais. Por fim, o homem Epimeteu é aquele ser humano que tem esperanças e acredita na mudança.

3.3 – Educação e Escola: Encontro entre Paulo Freire e Ivan Illich

Canário (2005) apresenta que a segunda metade do século XX foi marcada pela preocupação com as questões da educação e a escola, enquanto uma instituição feita para a elite que se transforma em algo para as massas populares. Por isso nessa época houve críticas e discussões sobre o real papel da escola em nossa sociedade, feita por autores como Paulo Freire, Bourdieu e Passeron, Baudelot e Establet, Louis Althusser, Paul Goodman e Ivan Illich. Como citado no capítulo 1, nesse período os movimentos sociais faziam diversas

reivindicações em relação ao bem estar da população, assim como também, foi o auge da luta anticapitalista nos continentes africano, asiático e americano.

Paulo Freire e Ivan Illich e suas obras “Pedagogia do Oprimido” e “Sociedade sem escolas/Desescolarização da sociedade”, respectivamente, foram referências para a crítica à educação no contexto latino-americano. Ambos os autores vinham de uma tradição cristã católica humanista e viviam na década de 1970 uma ampla circulação, acolhimento e críticas de suas ideias na América Latina.

Ferreira (2010) mostra que foi Illich um dos primeiros divulgadores do trabalho de Freire internacionalmente, ambos se conheceram em 1962 quando o austríaco visitava terras brasileiras, Rio de Janeiro e Pernambuco. Illich divulgou o trabalho de alfabetização feito por Paulo Freire, discutindo também a relação entre o cristianismo e o processo revolucionário na América Latina. Costa e Silva (2015) traz que Freire participou do seminário sobre educação que aconteceu no CIDOC, em Cuernavaca no México, nos anos de 1969 e 1970. Já em 1972 e 1973, Freire visitou novamente o CIDOC para participar de seminários e debates com Ivan Illich e outros intelectuais, a fim de pensarem novos direcionamentos para a educação moderna.

Em 1974, Illich e Freire debateram em um seminário organizado em Genebra na Suíça, pela Oficina de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, os dois autores fizeram severas críticas à escola tradicional e ambos concordavam que os educadores deveriam desempenhar papéis ativos para a libertação coletiva e o combate a alienação, a fim de se redescobrir uma autonomia criadora durante o processo educacional.



Figura 1. Fotografia, Autor desconhecido (1971).

Costa e Silva (2018) apresenta que posteriormente, em 1975, Willian B. Kennedy, Heinrich Dauber e Michael Hiberman, escreveram um livro de nome “Diálogo Paulo Freire – Ivan Illich”, que procurava retomar as discussões feitas em Cuernavaca entre Illich e Freire e que foram interrompidos, após o brasileiro tornar-se consultor do Conselho Mundial das Igrejas.

Romo (2020) apresenta que apesar de algumas vezes serem colocados em oposição, suas divergências dizem respeito às formas como interpretavam estratégias para se alcançar às transformações sociais e uma vida melhor para a população, por exemplo, ambos tinham significados diferentes para o processo de conscientização e desescolarização. Freire entende a educação como a libertação, dos homens e das mulheres, dos oprimidos e demais excluídos do sistema capitalista por meio da revolução, enquanto Ivan Illich defende a ideia da desescolarização da sociedade por meio de uma resistência a mercantilização dos bens essenciais para a população, problematiza o todo e também considera a escola e o sistema educacional como agente de desumanização, ou seja, o oposto de liberdade e autonomia.

Mesquida (2007, p.561) reafirma a ideia anterior, ao defender que Illich e Freire se aproximam não somente pela crítica à sociedade, mas também ao fato de “ainda pela posição

que assumem com relação à função da escola e da educação, colocadas a serviço do sistema capitalista de produção e legitimadas pelo neoliberalismo”. Para Estimado e Santos (2014) as produções dos autores são essenciais para o complexo quadro conceitual sobre a crise escolar, e principalmente para se pensar soluções práticas para a reformulação educacional, considerando que suas produções possuíam referenciais teóricos e intelectuais próximos.

Enquanto Paulo Freire pensava em uma educação libertadora e considerava o ato pedagógico como algo importante, baseada por meio de reflexões, questionamentos e trocas, resultados de uma relação horizontal entre educador e educandos. Illich vinha com sua proposta de desescolarização da sociedade e procurava escapar da contradição entre formar pessoas livres e conscientes, através de ações e instituições autoritárias, disciplinadoras e alienantes com conteúdos baseados nas demandas do mercado. (DOMINICE E OLIVEIRA, 1996).

Costa e Silva (2018) mostra que alguns autores consideram Illich como “reprodutivista” e Freire como alguém que atribui à educação um papel quase onipotente para a transformação social. Ainda que ambos sejam considerados humanistas, possuem posturas diferentes diante dos princípios que norteiam a sociedade moderna e faz diferentes abordagens para oficializarem suas críticas. Illich faz interpretações e previsões negativas em relação à escola, ele não acredita que de nenhuma forma ela pode gerar mudanças na sociedade. Afirma que a educação não é unicamente ligada à escola e defende que os seres humanos tem capacidade de aprender durante a socialização, por meio da convivência e das experiências compartilhadas, sem necessariamente a presença de um professor, por meio das teias educacionais que estariam disponíveis para todas as classes sociais e os lugares de encontro dos grupos, seriam de fácil acesso para todos, diferentemente/ao contrario da escola.

Já Paulo Freire tem uma visão mais otimista da escola, para ele é preciso fazer alguns ajustes e mudanças, para que ela desempenhe de fato sua função de agente da transformação social, pois o elemento político é inseparável do processo pedagógico, até mesmo apresenta os círculos de cultura como uma alternativa à educação bancária oferecida pela escola. A escola para Freire nesse caso não é entendida só como um local para educar ou aprender, mas um lugar para fazer política.

Freire apresenta a escola enquanto um lugar de construção de socialização de conhecimentos, um espaço de desenvolvimento, de aprendizagem e de estímulo às descobertas. Sobre uma relação ética entre professor e escola, o autor defende: “nos tornamos

capazes de comparar, de intervir, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (FREIRE, 2015, p.69), a fim de atender as diversidades e particularidades da sociedade para se pensar a construção dos conhecimentos para toda a vida.



Figura 2. Charge, Autor desconhecido (19--).

Em “Pedagogia do Oprimido” há uma afirmação de que as mudanças acontecem na consciência e depois são refletidas nas ações, trata-se de uma transformação mais profunda do que somente comportamental. Por meio do diálogo, da ação coletiva e educativa e da educação, encontra-se o que o autor denominou de uma “práxis da liberdade”. Freire mostra que a mudança na prática educativa, pode ser entendida como uma ação revolucionária, o aprender a ler, é uma nova forma de se enxergar a realidade por meio da autonomia e da formação de um pensamento crítico.

“Sociedade sem escolas” trata sobre uma reorganização ou redistribuição das funções pedagógicas e uma proposta de abolir o pensamento de que é de única responsabilidade da escola o processo educativo. Illich traz que o contexto no qual se dá as relações dos indivíduos com o coletivo, deve ser analisado a partir de um distanciamento de pensamentos de dominação, para assim pensar condições e novas formas de desenvolvimento, baseado na sustentabilidade tanto de outros seres humanos quanto do meio ambiente, dessa forma a construção do conhecimento aconteceria a todo o momento e de forma natural e heterogênea. Assim as tecnologias criadas devem corresponder às necessidades do cotidiano e das

subjetividades/especificidades da população como premissa para uma convivencialidade harmoniosa ou no mínimo não destrutiva e exploratória.

Em Paulo Freire e Ivan Illich reconhecemos à crítica a educação e a escola, como também o modo como existem no sistema capitalista, porém a forma como eles interpretam e pensam soluções para os problemas são diferentes. As propostas feitas pelos autores para a transformação do sistema educativo ficam entre o limiar das mudanças graduais e da reformulação integral do processo pedagógico. Enquanto Freire considera uma mudança gradual para se atingir o progresso da sociedade, Illich considera a escolarização um problema a ser dizimado/extinto em sua totalidade. Assim, Freire e Illich personificam um pensamento crítico latino-americano existente nesse período, para isso apresentam práticas educativas e reflexões sobre uma educação e um sistema de ensino com propósito inovador e revolucionário, a fim de se construir um novo cenário político, pedagógico e principalmente de transformação social.

4. CONCLUSÃO

A crítica ao pensamento pedagógico na América Latina é uma tendência da educação latino-americana. Ao final da década de 1960 e início da de 1970 do século XX, os fracassos do sistema educativo moderno foram colocados em destaque por diversos intelectuais e autores. Tratava-se do caráter conservador e opressor da instituição escola e suas fortes ligações com o sistema capitalista/industrial. Apesar de todas as revoluções que aconteceram no continente latino-americano e no mundo, o sistema educativo não se modernizou de acordo com os avanços tecnológicos, pelo contrário, tornou-se um dos maiores perpetuadores das diferenças de classe, gênero e raça. Ainda que existissem experiências importantes ao longo desse período, como a educação popular, não houve grandes mudanças estruturais ao que diz respeito aos processos políticos-pedagógicos, referentes à escola.

Paulo Freire assim como Ivan Illich construíram narrativas baseadas na conscientização e autonomia, em um cenário conflituoso em que a América Latina e todo o Terceiro Mundo tentavam se desvencilhar da colonização e da influência dos países europeus e dos Estados Unidos. Pensar Freire e Illich não só enquanto críticos, mas como potencializadores e incentivadores de uma cultura político-pedagógica latino-americana, pensando alternativas e políticas-públicas para a emancipação e um futuro promissor da América Latina.

Para Ferreira e Mesquida (2020) Freire e Illich eram homens que se preocupavam com os seres humanos e o sistema de produção capitalista, que incentiva o consumo enquanto fator essencial para a existência humana em sociedade e de necessidades supérfluas e artificiais. Para Freire a conscientização viria pela tomada de consciência (círculos de cultura) e para Illich seria pela comunicação entre as pessoas (teias de aprendizado).

Faz-se importante considerar a importância da educação e da escola no contexto latino americano, sendo assim tanto Paulo Freire quanto Ivan Illich são necessários para se pensar a resistência e a formulação de uma sociedade mais igualitária. Quer seja por meio de uma revolução, da conscientização ou pela reformulação de políticas públicas, os autores pretendiam a transformação social. Cada um em seu contexto, com sua trajetória de vida e experiências lutaram e propagaram ideias para emancipação do continente latinoamericano e demais sociedades, por meio do trabalho coletivo juntamente aqueles que também possuíam o mesmo sonho. O que Illich e Freire possuem em comum é o fato de acreditarem na revolução da sociedade e uma educação que abranja a todos os públicos, independente de cor, raça,

classe social. Ambos creem que as mudanças políticas e pedagógicas estão intimamente articuladas as mudanças sociais e serão responsáveis para se pensar uma educação para além das paredes das escolas, ou seja, uma educação para todos e feita em qualquer lugar.

A escola de hoje ainda é inspirada nas ideias das classes de quem detém o poder e tudo que se produz a partir dela serve ao interesse dessa classe. O modelo educacional em sua maioria impõe a ideologia neoliberal nos conteúdos, reproduz o discurso dos “grandes heróis nacionais” e possui caráter meritocrático. Por isso movimentos de privatização ganharam apoio de alas conservadoras e reacionárias tanto da sociedade quanto da política.

Os pensamentos críticos de Paulo Freire e Ivan Illich sobre educação e escola, continuam válidos e combatem a ideia de uma aprendizagem passiva. Infelizmente ainda é uma parte pequena, se comparada ao todo, da educação e do sistema escolar que tem esses intelectuais como principais referências e que se inspiram em suas lutas contra o capitalismo. Com toda a dinâmica dos tempos atuais, é necessário pensar soluções para lidar com o sistema educacional de forma crítica e íntegra, como também adaptar as práticas pedagógicas as características dos alunos na contemporaneidade.

Assim a educação e a escola devem proporcionar novas experiências e possibilidades de ensino-aprendizado, em espaços que se trabalhe a coletividade e a troca de conhecimentos. Além disso, a escola deve proporcionar o desenvolvimento da subjetividade dos alunos e o desenvolvimento da autonomia e liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARELARO, Lisete Regina Gomes e CABRAL, Maria Regina Martins. **Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora**. Clássicos do pensamento: olhares entrecruzados. Tradução. Uberlândia: Edufu, 2019.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Fundação Joaquim Nabuco, il. – (Coleção Educadores), Editora Massangana, 128 p., 2010.

BRANDÃO, Carlos R. e FAGUNDES, Mauricio C. V. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**. Dossiê - Paulo Freire, a Prática Pedagógica e a Formação de Professores • Educ. rev. (61), 2016.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura. Memórias dos anos sessenta. A educação como cultura**. Memórias dos anos sessenta », Horizontes Antropológicos [Online], 49 | 2017.

CANÁRIO, Rui. **O que é a escola? : um “olhar sociológico”**. Porto Editora, LDA, Porto - Portugal, 2005.

CASAGRANDE, Lucas e FREITAS, Nilo C. **Organizar na era dos sistemas: as contribuições críticas de Ivan Illich aos estudos organizacionais**. Cad. EBAPE. BR, v.18, n°2, Rio de Janeiro, 2020.

COSTA E SILVA, Gildemarks. A polêmica Paulo Freire e Ivan Illich: Notas sobre educação e transformação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 24: p. 102-120, maio-out, 2015.

_____. **O historicamente possível ou a contraproduktividade dos instrumentos: a polêmica Freire-Illich**. Paulo Freire: em debate [recurso eletrônico] / Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira, Marcelo Sabbatini, Rita Ribeiro Voss (organizadores). – Recife: Ed. UFPE, 2018.

_____. **A presença de Paulo Freire na América Latina: notas sobre a relação Ivan Illich e Paulo Freire**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia**. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, 2010.

DI PIETRO, Leila de O. **Desescolarização ou escolarização da sociedade? : Desafios e perspectivas à educação**. Programa de Pós Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2008.

DOMINICE, Pierre e OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Illich e Freire : A opressão da pedagogia e a pedagogia dos oprimidos**. Paulo Freire: uma pequena bibliografia, org. Paulo Gadotti - Instituto Paulo Freire, Cortez Editora, São Paulo – SP , 1996.

ESTIMADO, Roberta Baessa e SANTOS, João Luís Lemos de Paula. **Limites e possibilidades da educação formal: Um debate entre Paulo Freire e Ivan Illich.** Revista Humanidades em Diálogo, v.6, p. 175-190. Out, 2014.

FÁVERO, Osmar (org). **Cultura Popular e Educação Popular: memória dos anos 60.** 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FERNANDES Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

FERREIRA, André. **Freire Internacional: experiências constitutivas e alguns modos de recepção ao pensamento freireano no mundo.** Paulo Freire: em debate [recurso eletrônico] / Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira, Marcelo Sabbatini, Rita Ribeiro Voss (organizadores). – Recife: Ed. UFPE, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Paulo Freire. 80 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, A. Ana Maria Araújo. “**A voz da Esposa: A trajetória de Paulo Freire**”. In: Gadotti, Moacir (org.) Paulo Freire: uma Biobliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília/DF; UNESCO 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Capital humano.** In: Dicionário da educação profissional em saúde / org. Isabel Brasil Pereira e Júlio César França Lima. ã 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 478 p. 2008.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma pequena biografia.** Centro de Referência Paulo Freire (Instituto Paulo Freire), (). Disponível em: <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000031>
_____. **Paulo Freire: uma bibliografia.** São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire/Unesco, 1996

GAJARDO, Marcela. **Ivan Illich** / Marcela Gajardo; tradução e organização: José Eustáquio Romão. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

GERMANO, José W. **As quarenta horas de Angicos.** Resenha do livro de LYRA, Carlos. As quarenta horas de Angicos: Uma experiência pioneira de educação. Revista Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 59, agosto, 1997.

HADDAD, Sérgio. **O educador: um perfil de Paulo Freire.** 1. ed. São Paulo: Todavia, 259 p, 2019.

HEY, Ana Paula.; CATANI, Afranio M. **Reprodução social.** In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

HORNEDO ROCHA, Braulio. **Ivan Illich. Hacia una sociedad convivencial.** Vida y obra de Ivan Illich. La convivencialidad. Virus editorial, Barcelona, España, 2011

_____. **Ivan Illich: um humanista radical.** Revista Crítica. Año 1 no. 1, enero-junio/2016.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas** / Ivan Illich; trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. – 9. Ed. – Petropolis, RJ: Vozes, 2018.

LEÃO NETO, Edson P. S. **Ivan Illich: uma aproximação com sua trajetória-obra (1926-1967).** Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada) - Ecologia de Agroecossistemas, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.

LÖWY, Michael. **A teoria da libertação: Leonardo Boff e Frei Betto.** Agência Adital, 2008.

MACHADO, Luiz Toledo. **A teoria da dependência na América Latina.** Estudos Avançados [online] v. 13, n. 35 pp. 199-215, 1999.

MENDES, Ricardo. A. S. **Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução.** Revista Eletrônica Da ANPHLAC, (8), 2013.

MESQUIDA, Peri. **O diálogo entre Illich e Freire em torno da educação para uma nova sociedade.** Contrapontos – v.7. - n. 3 - p. 549-563 - Itajaí, set/dez, 2007.

MESQUIDA, Peri e FERREIRA Juliana Batisttus. **Paulo Freire et Ivan Illich : dois sociopedagogos e seus pontos de vista sobre a desescolarização da sociedade e da educação** , Educatio [En ligne], 10 | 2020.

MOREIRA, Cássio S. **O projeto de nação do governo João Goulart: o plano trienal e as reformas de base (1961-1964).** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Economia. Faculdade de Ciências Econômicas - UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MOTA, João C. N. da; STRECK, Danilo R. **Fontes da educação popular na América Latina.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov./dez, 2019

PANIAGO, Flávia Cristina. **A instauração da ditadura militar no Chile: os documentos do Centro de Informações Exteriores – CIEEX (1970 - 1973) e o posicionamento brasileiro.** 2016.

PRAKASH, Madu Suri. **Criador de mitos, tecelão de histórias Iván Illich: sobre o renascimento de Epimeteu.** The International Journal of Illich Studies, 2010.

REVISTA IHU ONLINE. **Ivan Illich, pensador radical e inovador.** IHU On-line (boletim eletrônico semanal). Instituto Humanitas Unisinos da Universidade do Bale do Rio dos Sinos – Unisinos, ano 2, n. 46, dezembro/2002.

ROMO, Andrés D. **A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o Pensamento Latino-americano.** Trad.: Daniel Garroux, Marina Moreno Castilho. - 1. ed. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo , 2020.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.** 7ª ed., João Pessoa – PB, Editora da UFPB, 2019.

_____. **Pedagogia do Oprimido: Um ícone aos 50 anos.** Educação, Sociedade & Culturas, (56), 11–25, 2020.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira. **A Revolução Sandinista e a Teologia da Libertação. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História)** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Orientador: Christiane Vieira Laidler, 2003.